JORNAL
VOZ
DAS COMUNIDADES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EDIÇÃO 130
ANO 21
NOVEMBRO DE 2026
RIO DE JANEIRO



ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES

## O JORNALISMO SEM MEDO É COISA DE PRETO

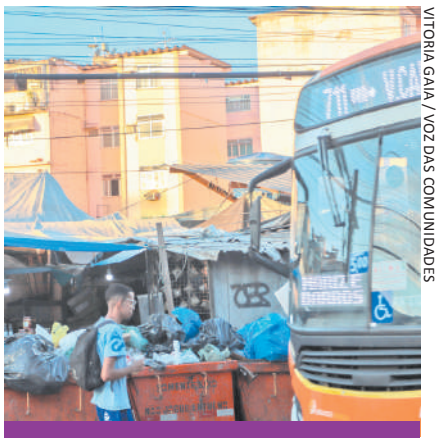
Samba-enredo que homenageará Rene Silva é escolhido em festa na Mocidade Independente de Inhaúma | **PÁGINA 3**



REPRODUÇÃO / CONGRESSO NACIONAL

## SAI O VOTO E ENTRA A FISCALIZAÇÃO

Quem cobrar e o que exigir de cada político após as eleições | **PÁGINA 12**



VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES

## PROBLEMAS EM UM SÓ LUGAR

Caçambas irregulares, calçadas bloqueadas e ponto de ônibus em má condição geram queixas no Complexo do Alemão
**PÁGINA 5**

ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES

# CIDADE PARTIDA

## Do transporte precário aos problemas sociais, a população negra de favela segue excluída de direitos básicos

**PÁGINAS 8 E 9**

## Dá o papo, morador


REPRODUÇÃO

Marco Kiko Venâncio, 46 anos, jornalista. Iniciou sua trajetória na comunicação comunitária em 2006, no grupo Favela no Ar, onde apresentava e realizava entrevistas no programa Rap du Bom, enquanto cursava a faculdade. Entre 2008 e 2012, atuou na assessoria de imprensa da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa. Também desenvolveu um trabalho nas redes sociais voltado à denúncia de abusos cometidos por policiais contra moradores do Vidigal. Entre 2022 e 2024, integrou a equipe de reportagem do Voz das Comunidades

***Como o morador poderia participar mais da política no Rio de Janeiro?***
Primeiramente, o morador precisa conhecer mais de política, precisa estudar mais sobre o que as legendas (partidos) podem contribuir com a sua melhoria de vida. Nós não podemos entender como verdade tudo que ouvimos da boca dos outros, é preciso se informar de forma independente.

***Qual a importância da Consciência Negra para a luta por direitos nas favelas?***
É de uma grande importância porque se nós não nos enxergamos negros não entendermos que alguns benefícios nos servem como reparação histórica, as cotas por exemplo, e assim, podermos entender que isso acontece por conta da luta dos nossos antepassados que foram escravizados.

***Qual sua maior realização familiar nos últimos anos e como isso impulsiona sua vida?***
Cara, esse é um tema que me paga muito. A maior realização familiar dos últimos anos com certeza foi ver as ações afirmativas do governo Lula mostrarem resultados dentro da minha casa. Hoje eu tenho uma filha formada em Direito (ProUni), pela Puc-Rio, fazendo mestrado pela mesma universidade e tendo um universo de possibilidades que pra gente de origem humilde da minha geração era um sonho muito distante (sou de 1980).

***As redes sociais influenciam muito as favelas? Como isso impacta no cotidiado, por exemplo, de crianças e jovens que crescem e meio a desigualdade social, econômica e racial.***
As redes sociais ocuparam o espaço que antes era do contato direto. Elas acabam mostrando um mundo ao qual o favelado não tinha acesso. Antes a gente se espelhava no que tava mais perto, isso nem sempre era bom, mas as coisas eram bem mais restritas. Agora todos temos contato com um horizonte de possibilidades muito mais amplo, porém isso pode ser uma forma de dominação também. As redes sociais são as "Ágoras Gregas" modernas, onde quem tem o dom da palavra consegue dominar os outros.

**JONAS DI ANDRADE**

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES




# PINTANDO 7

No final do mês de outubro, o Complexo do Alemão recebeu a 13ª edição do Pintando 7, a Festa das Crianças, promovida pelo Voz das Comunidades. Realizado na Rua Engenheiro Manoel Segurado, conhecida como rua da UPA do Alemão. O evento reuniu centenas de famílias em uma programação gratuita que começou às 9h.

As crianças aproveitaram diversas atrações, como apresentações musicais, bateria da escola mirim Crias da Imperatriz, grupo infantil Violúdico, batalhas de rima e passinho, além de futebol de sabão, tobogã, guerra de cotonetes, área baby, personagens vivos, contação de histórias e distribuição de livros. Também foram oferecidos lanches e guloseimas, como pipoca, cachorro-quente, refrigerante, pizza, sorvete, algodão-doce e saquinhos de doces.

A festa foi elogiada por moradores, que destacaram a importância de ampliar os espaços de lazer para a infância dentro da comunidade. Para muitas famílias, o evento representou uma oportunidade de diversão, convivência e acesso à cultura, reforçando uma imagem positiva da favela, marcada não apenas pelos desafios, mas também por iniciativas voltadas ao bem-estar coletivo.

O Pintando 7 contou ainda com a participação de voluntários da própria comunidade, que ajudaram na organização das atividades.

Além do lazer, a saúde teve espaço na programação com vacinação infantil. Equipes de saúde orientaram os responsáveis sobre a importância de manter a caderneta de vacinação atualizada e realizaram atendimentos durante o evento. A iniciativa buscou aproximar os serviços de saúde das famílias, especialmente daquelas que enfrentam dificuldades para acessar as unidades de atendimento.

Para o Voz das Comunidades, o Pintando 7 vai além de uma festa. Reúne diversão, cultura, educação e cuidados com a saúde em um único dia, fortalecendo o acesso a direitos e promovendo momentos de alegria para as crianças do Complexo do Alemão. Em sua 13ª edição, a iniciativa reafirma a força da favela, da cultura local e do cuidado coletivo com seus moradores.

**EXPEDIENTE**

VOZ DAS COMUNIDADES

**Encaminhe a sua sugestão de matéria para o número: (21) 99694-4234 ou envie um e-mail para jornalismo@vozdascomunidades.com.br**

**Editor Chefe:** Rene Silva
**Coordenação, edição e revisão:** Jonas di Andrade
**Edição final:** Samantha Millan
**Reportagem:** Jéssica Araújo, Karen Melo, Thiago Herminio
**Fotografia:** Ana Carla, Uendell Vinicius, Vitoria Gaia
**Projeto gráfico e diagramação:** Viviana Assunção
**Distribuição:** *Zona Norte* (Complexos do Alemão, Penha), *Zona Sul* (Rocinha, Vidigal) e *Zona Oeste* (Senador Camará)

APP DO VOZ DAS COMUNIDADES
APONTE SEU CELULAR E BAIXE AQUI

**Redes sociais:**
Twitter: @vozdacomunidade
Instagram: @vozdascomunidades
Facebook: fb.com/vozdascomunidades
TikTok: @vozdascomunidades

Impressão: A Tribuna | Tiragem: 10.000 exemplares | Distribuição gratuita

www.vozdascomunidades.com.br

ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES



*Mocidade Independente de Inhaúma canta e se emociona na grande final do samba-enredo*

# Mocidade Independente de Inhaúma escolhe samba-enredo que conta a história de Rene Silva

THIAGO HERMINIO

A comunidade da Mocidade Independente de Inhaúma já tem o samba que vai embalar o desfile do próximo carnaval. Depois de uma final cheia de emoção, a escola escolheu a obra de Luizinho das Camisas e cia. O samba vai contar a história de Rene Silva, cria do Morro do Adeus, Complexo do Alemão, fundador do Voz das Comunidades, e representar o Enredo Vivo da escola na avenida.

A disputa foi muito bonita e marcou a quadra. As pessoas que estiveram presentes, inclusive de favela, torceram, cantaram e se emocionaram. Foi uma final histórica, daquelas que não dá para esquecer, e vai ficar na lembrança da comunidade por muito tempo.

**Samba de Luizinho das Camisas e Cia venceu a final e vai levar à avenida a trajetória do fundador do Voz das Comunidades**

O carnavalesco Pedro Portugal contou que a disputa começou sem um samba favorito, mas o samba 7 foi ganhando o chão da escola e o coração do público. "Vimos o segundo refrão grandiosamente na nossa quadra. A escolha foi facilitada pela vontade do público, principalmente os de fora que chegavam e cantavam junto", disse. Ele explicou que, depois da vitória, é normal fazer pequenos ajustes na letra e na melodia, e que no samba 7 as mudanças foram poucas, porque a obra já entregava praticamente o enredo todo.



REPRODUÇÃO

*Luizinho das Camisas fala da emoção de ver o samba dele ser escolhido pela comunidade*

ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES



*Pedro Portugal, carnavalesco, assina o carnaval da agremiação para o desfile de 2027*

O presidente da escola, Diogo Ferreira, comentou sobre a escolha. "Recebo esse samba com muita emoção, orgulho e a certeza de que fizemos uma grande escolha. É um samba que vai muito além da avenida, ele representa a voz da comunidade, valoriza a nossa história, exalta a força da favela e reconhece o talento de quem luta diariamente para construir um futuro melhor", disse. Para ele, é um samba que arrepia e dá ainda mais motivação para fazer um carnaval inesquecível.

ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES



*A quadra ferveu na grande final que escolheu o samba-enredo*

**RENE É UM CARA GUERREIRO, QUE TEM UMA HISTÓRIA LINDA DE LUTA, DE SUPERAÇÃO E DE AMOR PELA COMUNIDADE**

O enredo mostra como um sonho pode mudar muitas vidas. Ainda menino, estudante de escola municipal, o cria do Adeus criou o Voz das Comunidades para mostrar que a favela tem voz, tem talento e tem muita gente fazendo a diferença. Ele acreditou na força da comunicação, o projeto cresceu e chegou longe.

Rene Silva também falou sobre o momento. "Eu nunca imaginei ver a minha história virar samba e ser cantada pela comunidade que eu tanto amo. Isso é a prova de que a favela pode sonhar alto e chegar longe. Esse samba é de todos nós, de cada pessoa que acreditou no Voz desde o começo", afirmou.

Luizinho das Camisas destacou que criar o samba foi uma emoção diferente, porque o homenageado é um grande amigo. "Rene é um cara guerreiro, que tem uma história linda de luta, de superação e de amor pela comunidade", afirmou o compositor. Ele agradeceu à Mocidade, aos parceiros, ao Voz das Comunidades, e deixou um recado. "Vamos, Mocidade! Venceremos!"

Agora é esperar a avenida. Com o samba escolhido, a comunidade de Inhaúma já pode ensaiar, cantar e se preparar para um desfile que promete arrepiar.

# Os becos sem garis comunitários

Após 12 meses do encerramento do programa, moradores relatam impacto na limpeza das áreas mais difíceis das favelas

**KAREN MELO**

Há pouco mais de um ano, o Programa Gari Comunitário viveu seus últimos dias no Rio de Janeiro. Criado em 1998 por meio de convênios entre a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) e associações de moradores, o projeto mantinha trabalhadores locais na varrição de becos, escadarias e valas onde os caminhões da prefeitura não conseguem passar. O fim definitivo do modelo ocorreu por determinação do Ministério Público do Trabalho (MPT-RJ), que considerou a intermediação por entidades comunitárias uma terceirização ilícita da atividade-fim do município. Passado mais de um ano sem a presença do trabalhadores comunitários, o resultado nas favelas cariocas é o acúmulo de resíduos e o desamparo social de centenas de famílias.

No Complexo do Alemão, a finalização do programa atingiu em cheio a economia local e trouxe uma preocupação em relação ao saneamento. Moradora da Fazendinha, Silvia Alvez vivenciou de perto o impacto das demissões que afetaram seu esposo e seu primo no ano passado. "Então, gari comunitário não tem mais. Mandaram ele embora e meu primo, foram muitas pessoas que ficaram sem o trabalho, umas 800 pessoas. De todas as comunidades, acabou a profissão de gari comunitário. Agora o morro tá desse jeito. Foi no ano passado, em maio... Foi um momento que não esperávamos. Eles eram queridos e conhecidos na comunidade", relatou.

VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES



*A falta de atuação na limpeza de becos, vielas e áreas de difícil acesso das favela é sentida pelos moradores*

O cenário reflete um diagnóstico que se repete em outras favelas da cidade, a exemplo da Rocinha. Reportagens do jornal comunitário Fala Roça já vinham alertando sobre o papel indispensável desses trabalhadores, destacando que a demissão de 36 garis interrompeu a zeladoria contínua nos becos e trouxe consequências não apenas para a limpeza, mas para a própria identidade do território.

## A falta que o serviço faz

Ex-trabalhador do programa, Seu Pedro Cândido, morador da Central, no Alemão, guarda no corpo a memória do serviço. "Às vezes eu acordo às 4h30 da manhã, a hora que eu acordava antigamente para trabalhar. Subia nesse morro 5 horas da manhã, quando dava 10 horas já estava pronto o meu serviço. Naquele tempo a gente limpava tudo, era vala, esgoto. Mas agora o lixo fica jogado pelos cantos. Gari só coleta na central, os becos ficam todos sujos", desabafa Pedro.

Moradoras reforçam o diagnóstico de abandono e cobram atitude. No Largo da Matinha, Roselane Bello afirma. "Aqui só tem a Comlurb que recolhe o lixo. Então são naqueles dias certos. Sinto falta de gari comunitário. É muito difícil hoje ver um gari aqui varrendo a rua. Alguns moradores varrem a rua em frente ao seu portão. A lixeira fica transbordando de lixo e os usuários espalham os lixos. Muitas vezes é morador que junta o lixo espalhado e joga de volta para a lixeira."

Procurada para esclarecer se existe a possibilidade de retorno do programa, a Comlurb informou que não há projeto para a volta no antigo formato. Na página oficial da companhia, o modelo foi substituído pelo programa Comunidade de Responsa, lançado em 16 de agosto de 2025, que prevê mutirões integrados de limpeza urbana contínua, reforço de varrição em becos e vielas, capina, uso de garis alpinistas para encostas e instalação de contêineres de grande capacidade para organizar o descarte. A reportagem também procurou as principais lideranças das associações no Complexo do Alemão, mas até o fechamento desta matéria não houve retorno.



# Falta de infraestrutura dificultam circulação de pedestres na Nova Brasília

## Moradores relatam problemas na travessia, falta de espaço adequado para pegar ônibus e obstáculos nas calçadas em área comercial do Complexo do Alemão

**JÉSSICA ARAÚJO**

A movimentação de lojas, mercados, farmácias e feirantes faz da Nova Brasília, na Avenida Itaóca, uma das principais áreas comerciais do Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio. Mas, em meio ao fluxo de consumidores, trabalhadores e passageiros, a falta de infraestrutura adequada dificulta a circulação de pedestres. Problemas na sinalização de trânsito, calçadas irregulares, falta de estrutura no ponto de ônibus e caçambas de lixo próximas à rua estão entre as reclamações de quem passa diariamente pelo local.

VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES



*Sinal verde para pedestres e veículos ao mesmo tempo causa confusão e deixa quem precisa atravessar sem saber se é seguro passar*



*Caçambas colocadas frente à rua ficam próximos à circulação de carros e pedestres na área comercial da Nova Brasília*

VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES



*Sem espaço adequado para esperar o transporte, passageiros aguardam a chegada do ônibus próximos à pista, dividindo espaço com os veículos*

Próximo à Rua Nova Brasília, o semáforo apresenta indicações conflitantes: o sinal permite a travessia dos pedestres ao mesmo tempo em que a sinalização para os veículos também indica passagem livre. A situação deixa quem está a pé sem saber se é seguro atravessar. No mesmo trecho, uma rampa de acesso à área das bancas de frutas também apresenta más condições.

Moradora do Complexo do Alemão desde que nasceu, Dona Grecy, de 67 anos, conhece os riscos de atravessar a região. Ela conta que motoristas e motociclistas nem sempre respeitam a passagem dos pedestres.

"Eles quase atropelam a gente com o sinal fechado, eles passam, o sinal está fechado. Não tem jeito não", relata.

Dona Grecy também lembra de um episódio em que presenciou um motociclista passar muito perto de uma mulher que atravessava a rua com o auxílio de muletas. Ao questionar a atitude do condutor, ela conta que acabou sendo xingada.

"Uma senhora com uma muleta, andando devagarinho, e ele vem e mete a moto na frente dela. Ele me xingou", conta.

Já na ligação entre a Avenida Itaóca e a Estrada do Itararé, falta sinalização adequada para orientar a travessia. Sem semáforo ou faixa de pedestres, quem precisa atravessar a via não conta com indicações sobre o local e o momento mais seguro para passar. A circulação de veículos exige que os pedestres esperem uma brecha no trânsito para seguir.

### Falta de estrutura afeta quem depende do transporte público

A dificuldade de circulação também aparece na espera pelo transporte público. Na Nova Brasília, passageiros aguardam os ônibus em um espaço sem estrutura adequada, próximo à passagem de veículos. A identificação do ponto fica escondida em um poste com fios de energia, enquanto a calçada tem trechos irregulares, buracos e desníveis. O espaço disponível ainda é compartilhado com as atividades comerciais da região.

VITORIA GAIA



*Bancas de frutas ocupam a área de acesso à rampa e dificultam a passagem de pedestres, especialmente de pessoas com mobilidade reduzida*

Sandra mora na Alvorada e precisa descer até a Nova Brasília para pegar uma kombi que a deixa mais perto do metrô. Ela utiliza o transporte com frequência e diz que a falta de identificação dificulta até mesmo reconhecer o local de embarque.

"Não tem nada aqui, nem sinalização que é ponto. A gente tem que dividir o que sobra de calçada", reclama.

As dificuldades enfrentadas por quem circula pela Nova Brasília refletem um problema que atinge todo o estado. Dados do Censo 2022, divulgados pelo IBGE em abril de 2025, mostram que apenas 19,2% dos moradores do Rio de Janeiro viviam em vias com calçadas livres de obstáculos, como buracos, desníveis e postes. O levantamento também apontou que somente 12% viviam em vias com rampas para cadeirantes.

Outro problema apontado na Nova Brasília é a localização das caçambas de lixo, instaladas próximas aos estabelecimentos comerciais e à área de circulação. Os recipientes ficam rente à rua e, em alguns casos, sem tampa. Quando estão cheios, o acúmulo de resíduos e o mau cheiro incomodam quem trabalha e passa pelo local. Para descartar o lixo, moradores precisam se aproximar da pista, dividindo espaço com os carros.

O Voz das Comunidades procurou a CET-Rio, a Secretaria Municipal de Conservação, a Secretaria Municipal de Transportes e a Comlurb para pedir esclarecimentos sobre os problemas relatados e informações sobre possíveis melhorias na região. A CET-Rio informou que a equipe técnica esteve no local citado para solucionar o problema semafórico. Além disso, ressaltaram que a população deve registrar esse tipo de ocorrência pelo 1746, canal oficial da Prefeitura do Rio, contribuindo para agilizar o atendimento. As demais Secretarias não responderam até o fechamento desta edição.

# Racismo ambiental e crise climática: o avanço do concreto sobre as favelas

Dados do MapBiomas mostram que 77% das comunidades brasileiras perderam cobertura vegetal em quatro décadas. No Rio, moradores enfrentam ilhas de calor e risco de deslizamentos

**KAREN MELO**

Entre 1985 e 2024, a área urbanizada em favelas no Brasil passou de 60,2 mil para 151,7 mil hectares, quase triplicando de tamanho. Esse avanço do concreto veio acompanhado de um apagão ambiental: cerca de 77% das comunidades perderam cobertura vegetal em quatro décadas, **segundo levantamento do MapBiomas**. O impacto vai além da paisagem: é uma ameaça direta à vida nas periferias, que hoje enfrentam temperaturas sufocantes e risco constante diante da crise climática.

No Rio de Janeiro, os dados do estudo ganham contornos graves quando observados a partir das favelas da Zona Norte. A falta de árvores e o excesso de concreto transformaram o território em um epicentro de ilhas de calor. Ali, a ausência de saneamento, drenagem e contenção nas encostas eleva a temperatura dentro das casas a níveis desumanos e multiplica os perigos a cada temporal.

Ricardo Devita, coordenador do projeto Telhado Verde Agroecológico, aponta que o aquecimento expõe a desigualdade social. "Significa que a favela está ficando cada vez mais quente, e quem sente na pele é o morador. Muitas casas ainda têm telhados de amianto ou zinco, que aumentam o calor, e o concreto libera quentura à noite. Sem árvores para refrescar, tem família que mal consegue dormir. O calor também é desigualdade, porque quem menos pode se proteger é quem mais sofre."

ARQUIVO PESSOAL



*A favela tem meio ambiente e temos direito ao verde. Ana Santos (Tia Ana), CEM*

Mas o perigo nas encostas não é culpa de quem mora nelas. Sem planejamento, saneamento e obras para escoar a água, o poder público empurrou milhares de famílias para áreas vulneráveis. "A vegetação protege o solo e, sem ela, a encosta fica frágil. Mas não podemos jogar essa culpa nas costas do morador. Falta drenagem, contenção e investimento. A chuva é natural, mas muitas tragédias poderiam ser evitadas", ressalta Devita.

## Na própria favela se encontra solução

Diante do abandono estatal, a favela cria suas próprias respostas, das lajes aos maciços florestais. Na Serra da Misericórdia, que abrange os morros do Alemão, da Penha e do Juramento, coletivos provam que preservar o verde resfria o território e gera alimento. Para Ana Santos, educadora popular do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM), a luta ambiental na favela é contra o racismo ambiental. "A sociedade entende que a Serra é uma área verde, mas para quem? Será que pobre, preto e favelado tem direito ao meio ambiente? Esquecem que somos o último suspiro de Mata Atlântica da Leopoldina, com mais de 47 quilômetros [quadrados] de terra e 20 nascentes mapeadas, onde o solo pulsa agroecologia."

No fim, as lideranças cobram que o Estado deixe de atuar na favela apenas por meio da polícia ou do assistencialismo, garantindo proteção legal à região. "Como construir bem viver se só chegam segurança pública ou assistência? Precisamos de políticas de autonomia, unindo secretarias para instalar sistemas agroalimentares e gerar renda. No Plano Diretor, o governo desconsiderou a APARU* da Serra da Misericórdia e incentivou empresas poluentes. Chega dessa falácia de que a favela polui. Nós somos cuidadores. Poluidores são as pedreiras que seguem neste território", finaliza.

*APARU - ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E RECUPERAÇÃO URBANA



# Tarifa Social ajuda a aliviar o orçamento de famílias em comunidades do Rio

Benefício destinado à população de baixa renda já alcança mais de 2,1 milhões de pessoas

Mais de 2,1 milhões de pessoas são beneficiadas pela Tarifa Social na área de concessão da Águas do Rio. Voltado a famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica, o benefício oferece valores diferenciados nos serviços de água e esgoto e ajuda a reduzir o peso da conta no orçamento doméstico.

Na comunidade Rubens Vaz, no Complexo da Maré, Natalício, morador há 61 anos, recebeu em 2026 a primeira conta de água em seu nome. Para ele, o acesso à Tarifa Social fez diferença no orçamento: "Com a Tarifa Social, fica mais fácil pagar a conta, porque é um valor que cabe no bolso. Isso dá mais tranquilidade e dignidade para gente", afirma.

A regularização também trouxe uma nova relação com o serviço: "A gente tem de pagar pelo que está usando. E, quando a gente paga, também tem o direito de reclamar se alguma coisa não estiver certa", conta.

## Benefício mais perto dos moradores

Para ampliar o acesso à Tarifa Social, equipes da Águas do Rio realizam atendimento diretamente nas comunidades. Na Maré e no Vidigal, moradores recebem orientações porta a porta e por meio de atendimento itinerante sobre cadastro, regularização e acesso ao benefício e outros serviços.



No Vidigal, esse trabalho caminha junto com os investimentos para melhorar o abastecimento. Maria das Neves Pereira, de 71 anos, enfrentou durante anos dificuldades para ter água em casa, recorrendo a uma nascente e a filas no poço durante a madrugada.

Após as intervenções realizadas pela concessionária, que incluíram novas redes, estações elevatórias e um reservatório com capacidade para 230 mil litros, mais de 30 mil moradores foram beneficiados. "Agora, com a nova obra, temos água todos os dias", relata Maria.

## Cinco anos de investimentos em saneamento

As ações nas comunidades integram os investimentos realizados pela Águas do Rio desde o início da operação, há cinco anos. Desde 2021, a concessionária já investiu R$ 6,4 bilhões em obras e melhorias nos sistemas de água e esgoto, que beneficiaram 3,5 milhões de pessoas.

Para Bruno Sales, gerente de Operações da concessionária, ampliar a infraestrutura também significa facilitar o acesso aos serviços e benefícios: "Nosso trabalho envolve a ampliação da infraestrutura, mas também passa por garantir que os moradores tenham acesso aos serviços e benefícios. Queremos que mais famílias conheçam a Tarifa Social e saibam como solicitar o desconto na conta de água", afirma.

FOTO 1: UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES
DEMAIS FOTOS: VITORIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES




# MAPA DA BELEZA

## Conheça 12 mulheres dos Complexos do Alemão e Penha que se tornaram referências, formam novas profissionais e impulsionam o empreendedorismo nas favelas

**KAREN MELO**

Em um cenário em que o consumo nas favelas brasileiras movimenta mais de R$ 300 bilhões por ano, segundo o *Data Favela*, o setor da beleza vem se destacando como uma importante ferramenta de geração de renda, independência financeira e transformação social. Izabelly Cristine , Vitória Medeiros, Tainá Silva, Wanda Cristina, Bianca Myrella, Julya Morão, Alda Mainara Gaia, Eliana Santos, Hanna Vianna, Thauana Cerqueira, Ellen Kevleen e Thamara Cordeiro fizeram do talento o próprio sustento e hoje abrem caminho para outras mulheres.

A procura confirma o reconhecimento: em novembro, algumas já estão com a agenda fechada para dezembro; outras têm poucas vagas para o fim do ano, oferecendo qualidade e preços acessíveis. Muitas dão cursos e palestras, formando novas profissionais e fortalecendo a economia local.

---

**4 Izabelly Cristine** começou maquiando primas e amigas. Comprou equipamentos com o dinheiro de outros empregos, alugou um espaço e deixou o trabalho formal quando a agenda cresceu. Com a maquiagem, conquistou a casa própria. "Foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida."

**5 Vitória Medeiros**, do ramo da harmonização corporal e emagrecimento, começou na pandemia, atendendo em domicílio com equipamentos emprestados. Hoje, é biomédica e administra uma clínica com equipe. "Procedimento qualquer um faz. Agora, transformar uma vida é outra coisa."

**9 Tainá Silva** deixou o emprego administrativo para trabalhar com depilação e acolhe os medos e as inseguranças das clientes. "Tá com medo, mas vai com medo mesmo".

**6 Wanda Cristina** fez dos cabelos cacheados sua profissão. Começou no banheiro da casa da mãe, fez cursos de corte, finalização e visagismo e abriu seu espaço, onde acolhe mulheres que redescobrem a textura natural dos fios. "Eu trato elas como eu gostaria de ter sido tratada quando comecei a entender e cuidar do meu cabelo", explica.

**7 Bianca Myrella**, design de sobrancelhas, começou fazendo as das amigas e abriu o próprio estúdio. Hoje, faz a formação de mais de 100 alunas e palestra sobre brow lamination em congressos. Mãe, fala sobre conciliar a criação da filha e a carreira. "É literalmente você segurar sua filha em um braço e segurar seus sonhos em outro."

**1 Julya Morão** começou na extensão de cílios em espaços improvisados. Com apoio da família, comprou materiais e hoje oferece cursos. "Eu creio que vou estar com o meu próprio estúdio, com mais pessoas trabalhando comigo."

**8** Conhecida como Gaia, **Alda Mainara**, profissional do bronze, começou com uma máquina de dez lâmpadas e ampliou a estrutura. No Aulão das Visionárias, compartilha técnicas e incentiva outras mulheres a entrar na área.

**10 Eliana Santos**, da podologia, começou fazendo unhas na adolescência e se especializou. Agora, destaca que a profissão exige conhecimento, cuidado com a higiene e responsabilidade com a saúde dos clientes.

**11 Hanna Vianna** conquistou clientes na estética facial por indicações. Após conciliar o trabalho com um emprego formal, investiu em equipamentos e cursos. "Tenho muita gratidão por quem tá desde o começo comigo."

**2 Thauana Cerqueira**, trancista, prendeu a trançar na pandemia. Atualmente, concilia os atendimentos com a faculdade de Publicidade e Propaganda. "A trança não é um disfarce, ela é uma história."

**3 Ellen Kevleen** especializou-se em alisamento e desenvolveu a técnica Liso HD. Ela conquistou seu espaço e oferece cursos. "No começo vai pingar cliente, uma cliente aqui, outra ali, mas não desista."

**12 Thamara Cordeiro**, nail designer, fez um curso de alongamento de unhas na pandemia e começou atendendo de forma itinerante, usando a tábua de passar roupa da mãe como mesa. Depois, conquistou seu espaço e aprendeu Libras para atender uma cliente com deficiência auditiva e de fala. Também incentiva mães jovens a buscar independência financeira.

Esse movimento também é tema da pesquisa "*A representação da Marquinha de Fita: identidade e empreendedorismo nas favelas cariocas*", assinada pelo jornalista e cria de favela João Victor Vitória Gonçalves e por Juliana Silva Corrêa Lourenço de Cantuária Gama.

O trabalho destaca como o talento aliado às referências culturais da favela se converte em empreendedorismo, sustentado pela confiança recíproca entre vizinhas e clientes. Ao ocuparem esse espaço, essas empreendedoras não apenas conquistam a própria autonomia, mas deixam um legado de formação profissional e fortalecimento para toda a comunidade.

O reconhecimento aparece na procura pelos serviços. Em novembro, algumas já estão com a agenda fechada para os próximos meses, enquanto outras têm poucas vagas para novembro e dezembro. Com estruturas profissionais dentro das próprias favelas, elas oferecem serviços de qualidade e preços acessíveis. Muitas também dão cursos e palestras, compartilham conhecimento e ajudam outras mulheres a entrar no mercado da beleza. O dinheiro investido nesses serviços circula nos territórios e fortalece a economia local.

THIAGO HERMINIO

**O direito à cidade vai muito além do teto: passa por ruas limpas, transporte eficiente e acesso a saúde, educação e lazer. Mas no Brasil essa cidadania plena continua restrita a determinados CEPs. Segundo o Censo 2022 do IBGE, o Rio de Janeiro tem aproximadamente 3,4 MILHÕES DE PESSOAS negras (pretas e pardas), o que corresponde a 54,3% da população total da cidade. Em pleno mês da Consciência Negra, histórias de quem vive em favelas e periferias revelam como as horas perdidas nos transportes públicos e a precariedade da infraestrutura urbana ainda excluem a população negra.**



Os desafios da mobilidade na zona norte são constantes

ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES

# Direito à cidade para quem?

## Transporte ineficiente e condições ruins de saneamento expõem como o racismo impacta a rotina de moradores de Senador Camará, Salgueiro e Providência

### Mobilidade e trabalho

Moradora de Senador Camará, Zona Oeste do Rio, Ana Carolina Morais tem 29 anos e trabalha como Auxiliar de Serviços Gerais (ASG). **Ela relata que sua jornada de trabalho chega a 12 horas, fora o tempo que gasta no transporte público**. "Você chega em casa morta de cansada", conta. Ela já perdeu vagas porque a empresa pagava só duas passagens e queria alguém mais perto. Mesmo assim, não desiste. "Eu sempre tô ali na batalha."

O videomaker Frederick Assis, 30 anos, mora no alto do Morro da Providência, no Centro. Para chegar ao trabalho, em Santa Cruz da Serra, ele desce escadas, pega o teleférico e depois uma van. **Leva cerca de 1 hora e 20 minutos na ida e quase 2 horas na volta. Enfrentando o trânsito, vans e ônibus lotadas, ele nunca tem certeza de que vai chegar na hora. Nos bicos de fim de semana, sai às 3h30 da manhã e precisa esperar até as 5h pelo primeiro transporte ou pagar de R$ 60 a R$ 70 só na volta.**

A jornalista Emilly Assunção, 26 anos, do Morro do Salgueiro, também deixou de aceitar propostas de trabalho na Zona Oeste. Em uma oportunidade na Barra da Tijuca, **passava cerca de quatro horas diárias em deslocamento**. Atualmente, gasta aproximadamente R$ 400 por mês com transporte. Embora considere o valor suportável, destaca que, para trabalhadores que recebem um salário mínimo, essa despesa "representa grande parte do salário."

Maurício Dutra, pesquisador que atua na coordenação do Eixo Direitos Urbanos e Socioambientais da Redes da Maré, diz que quem tem carteira assinada recebe vale-transporte, mas quem trabalha por conta própria, por aplicativo ou procura emprego paga do próprio bolso. Para ele, "não é apenas uma questão de oferta de transporte, mas também de quem consegue pagar para se deslocar pela cidade".

**MAPA DA DESIGUALDADE 2026, DA CASA FLUMINENSE, PESSOAS NEGRAS VIVEM, EM MÉDIA, DEZ ANOS A MENOS DO QUE PESSOAS BRANCAS NA CAPITAL**



REPRODUÇÃO

Frederick Assis



ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES

Ana encara também a precariedade da estrutura do acesso aos trens



ANA CARLA / VOZ DAS COMUNIDADES

Emilly Assunção, trabalhando enquanto lancha ao mesmo tempo

A pesquisadora Shirley Rosendo, doutora em educação, lembra que muita gente é barrada em seleções por morar longe e pelo custo da passagem. **É a chamada discriminação por CEP**.

### Desgaste físico que compromete a saúde

O corpo também sente. Frederick fez exames e a médica foi clara: ele precisava dormir e descansar. "Eu estava andando meio desleixado com a minha saúde", admite. Ele tem plano particular e quase nunca usa o serviço público.

Emilly convive com ansiedade, insônia, enxaqueca e gastrite. É atendida na Clínica da Família, onde diz receber um "tratamento muito humanizado", mas a espera chega a 3 horas quando está cheia.

Ana Carolina, de Senador Camará, diz que se cuida, mas o cansaço é constante. Ela acorda muito cedo e, no trem, tenta cochilar quando alguém cede o lugar ou até sentada no chão. Em casa, "dou uma atençãozinha para o meu filho e apago", conta.

A rotina exaustiva que adoece trabalhadores como Frederick, Emilly e Ana Carolina tem recorte racial. No Rio de Janeiro, essa sobrecarga física e mental se traduz em menor tempo de vida: **de acordo com o Mapa da Desigualdade 2026, da Casa Fluminense, pessoas negras vivem, em média, dez anos a menos do que pessoas brancas na capital**.

### Infraestrutura e racismo ambiental

Em casa, o problema aparece no lixo, na água e na luz. No alto da Providência, a Comlurb quase não sobe, e os moradores jogam o lixo morro abaixo. "Atrai bicho, e tem muita criança aqui no morro", diz Frederick. Sobre a falta de água, ele resume. "A gente fica meio que à mercê mesmo". Ele conta também que já ficou dois ou três dias sem luz, com a comida estragando na geladeira.

Ana diz que na rua dela, em Senador Camará, tem água, luz e esgoto, o que mostra como a questão do saneamento muda de rua para rua.

No Salgueiro, Emilly mora ao lado de um ponto de lixo. "O mau cheiro é insuportável." Quando chove forte, o lixo transborda e vai parar na porta dela.

Especialistas definem esse cenário como **racismo ambiental**: a negligência do poder público com saneamento, coleta de lixo e infraestrutura básica que penaliza, de forma desigual, territórios de maioria negra e periférica. Maurício lembra que muitas favelas da Maré nasceram, por exemplo, de remoções, quando famílias foram levadas para mangues aterrados, sem esgoto e sem estrutura. Como a maioria é preta e parda, a desigualdade não surgiu por acaso.

Shirley vai além. "O Estado está plenamente presente nas favelas, a questão central é como e a serviço de quem ele se faz presente." Para Emilly, "a favela continua à margem da sociedade porque ela foi criada exatamente para gerar essa exclusão social". No Brasil, **62,5% das pessoas vivem em casas ligadas à rede de esgoto, mas o IBGE aponta que os desafios aumentam entre jovens negros e indígenas**.

### O que o poder público tem feito pela população negra do Rio

Para saber o que a administração pública está fazendo, o Voz das Comunidades procurou a Secretaria Municipal de Transportes (SMTR) e fez diversos questionamentos, inclusive sobre a existência de programas, metas ou investimentos específicos voltados à ampliação e melhoria da mobilidade urbana em territórios de maioria negra. Também entrou em contato com a Secretaria de Estado de Transporte e Mobilidade Urbana. Até o fechamento desta edição, as secretarias de Transportes não haviam respondido.

A reportagem questionou a Secretaria Municipal de Saúde do Rio (SMS) para saber como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra tem sido aplicada na cidade. O veículo buscou saber se a política está de fato funcionando no município, quais ações chegam às Clínicas da Família nesses territórios e como é registrada a raça/cor dos pacientes nos sistemas de saúde. Em nota, a SMS destacou que desenvolve ações de equidade racial desde 2006, antes mesmo da criação da política nacional. Ao longo dos anos, estruturou sua governança por meio do Comitê Técnico (2007), da definição de sete submetas prioritárias em 2019, com foco em temas como mortalidade materna e infantil, doença falciforme e violência contra jovens negros, e da Lei Lenora Mendes Louro (2022), que instituiu o programa municipal para a população negra. Mais recentemente, a criação de grupos de trabalho e de um Grupo Gestor Especial, em 2024, garantir que o combate ao racismo institucional e o atendimento específico à população negra funcionem em toda a rede municipal. A pasta ressaltou ainda que o preenchimento obrigatório do quesito raça/cor por autodeclaração nos prontuários médicos alimenta o Boletim Epidemiológico da Saúde da População Negra Carioca e os painéis públicos do Observatório Epidemiológico da Cidade (EpiRio), permitindo monitorar indicadores de nascimentos, doenças e mortalidade.

DOUGLAS LOPES / REDES DA MARÉ

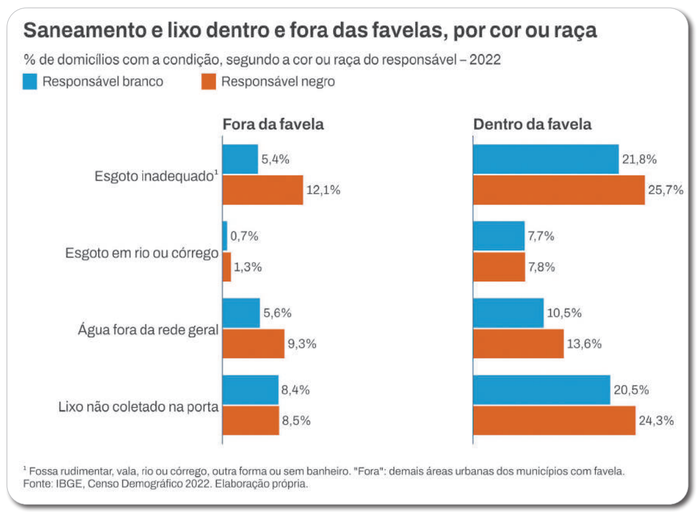


Shirley Rosendo é doutora em Educação, com pesquisa voltada principalmente para políticas públicas. Também é tecedora da Redes e já atuou como analista de incidência

REPRODUÇÃO



Maurício Dutra, pesquisador e atua na coordenação do Eixo Direitos Urbanos e Socioambientais da Redes da Maré




**Os dados do Censo 2022 (IBGE) mostram que a falta de saneamento e coleta de lixo no Brasil é marcada pela desigualdade territorial e racial**

*CLATIA VIEIRA



* Mulher Preta de luta e de fé nos orixás. Defensoras dos Direitos Humanos. Aquariana, de 02 de fevereiro, carioca da gema, moradora do morro da Coroa, em Santa Teresa. Cria da favela com muita honra. Quebradeira da turma 2024. Filha,mãe, irmã e neta de gente preta. Graduada em Direito, mestra em Relações Étnico-Raciais/PPEER /CEFET/RJ e integrante do grupo de pesquisa Orí/CNPq. Integrante da coordenação do Fórum Estadual e Capital de Mulheres Negras do RJ. Colaboradora da Casa das Pretas. Propositora do 1° Fórum de Diálogos das Mulheres Negras com ALERJ.

# FAVELA: ESTAÇÃO QUILOMBO

Novembro é o mês em que a sociedade brasileira parece lembrar que o povo preto existe, mas pouco se faz pela comunidade negra, que segue enfrentando o racismo e seus derivados, que impactam profundamente na qualidade e garantia de vida. Pretas e Pretos são corpos expostos a todo momento.

Segundo o Censo 2022 do IBGE, pessoas pretas e pardas somam 55,5% da população brasileira, e grande parte delas vive nas favelas, onde o território é tratado como gueto e os moradores são marginalizados. Este artigo defende o contrário: a favela é estação-quilombo, território de resistência, pertencimento e criação de potência, porto seguro de seus habitantes.

A abolição sem reparação, conhecida como Lei Áurea (1888), extinguiu a escravidão sem garantir terra, moradia, trabalho ou educação. Negras e negros ficaram entregues à própria sorte e, excluídos da cidade formal, foram empurrados para morros, favelas, alagados e periferias, onde muitos ainda residem. Favelas e quilombos têm a mesma origem: territórios que surgem da exclusão e se sustentam pela organização coletiva e pela determinação de não deixar suas histórias se perderem, apagarem.

Para Beatriz Nascimento, o quilombo é continuidade histórica de resistência, e não apenas um episódio colonial. Abdias Nascimento o chamou de quilombismo: espaços de dignidade onde o Estado só chega como repressão ou quando a favela serve de trampolim político para a manutenção dos privilégios da *branquitude, os holofotes eleitorais têm prazo determinado.

Afirmar que a favela é estação quilombo é reconhecer o legado dos mais velhos e das mais velhas, que criaram e defendem uma sociedade aquilombada, preservando saberes que reverberam nos mutirões, nos terreiros, no samba, no hip-hop, no Islã, na culinária, nas associações de moradores, nas organizações de mulheres negras, nas rodas de conversas e nos coletivos culturais e políticos. O aquilombamento é ser preta/o, e a jornada diária vai, de janeiro a janeiro, sem se restringir a novembro. Parafraseando o poeta "todos os dias é dia de negras e negros"

O racismo e a branquitude encurralaram a favela: empurraram-na para a ausência de políticas públicas e precarizaram direitos básicos, como água potável, saneamento, segurança alimentar, cultura, moradia, saúde de qualidade e trabalho. Vistos como territórios problemáticos e conflituosos, são alvo de diferentes violências, respaldadas pelo racismo, e não de uma pauta política forte e objetiva. A favela devolve com unidade e potência, e só cresce, forte e imponente.

Esse crescimento em áreas "nobres" das cidades assombra o poder econômico, que ameaça com remoções, numa política de contenção de pessoas pretas. Em 2022, 16,39 milhões de pessoas viviam em favelas, 72,9% delas pretas ou pardas, proporção bem acima da média nacional. Ainda assim, essa maioria segue atingida pela violência e pelo abandono.

Por compromisso com a ancestralidade, o movimento negro desarquiva o debate sobre o racismo, ainda presente nas favelas mesmo quando camuflado. A favela aquilombada desobedece ao racismo, surpreende as estruturas que o sustentam, as desigualdades disputam a ocupação dos espaços historicamente negados à maioria da população do Brasil.

Por Dandara, Zumbi dos Palmares e todas e todos que a história quer apagar, pensar novembro é pensar em reparação, que vai muito além de uma data ou de um mês. É ouvir a favela e reconhecer o que ela entrega de melhor: costureiras, trancistas, cozinheiras, quituteiras, acadêmicos, advogados, médicos, jogadores, artistas plásticos, escritoras, engenheiros, artesãs e compositores, e mais.

A favela resiste e entrega ao país exemplos de cumplicidade e valorização do povo negro, ao mesmo tempo que cobra do Estado ações que garantam a dignidade humana, conforme a Constituição Federal de 1988. A consciência negra precisa sair do papel e ser aplicada todos os dias, na valorização da comunidade negra.

Salve Dandara dos Palmares! Salve Zumbi dos Palmares!

***Branquitude** - É o "passe livre" invisível que a pessoa branca ganha só por nascer branca, independentemente de ter dinheiro ou não. Na prática, é o conjunto de vantagens que faz com que o branco seja tratado sempre como o "normal", o "cidadão de bem" ou o "padrão", enquanto quem é preto ou pardo precisa provar o tempo todo que não é suspeito.

***Dandara** - Uma das maiores guerreiras e líderes negras da história do Brasil, símbolo de resistência contra a escravidão no século XVII.

***Zumbi dos Palmares** - O grande líder que comandou o Quilombo dos Palmares, a maior comunidade livre de pessoas negras que fugiram da escravidão no Brasil, lá no século XVII (onde hoje é Alagoas). Ele é o maior símbolo de resistência e coragem do povo preto no país.

QUEM QUER LEIS QUE VÃO MELHORAR A VIDA DO CARIOCA?

PODE CONTAR COM A CÂMARA DO RIO





Aqui a gente debate,
apresenta propostas
e aprova leis que melhoram
a vida do carioca.

CÂMARA
DO RIO.
ONDE SUA VOZ
VIRA LEI.

CÂMARA MUNICIPAL
DO RIO DE JANEIRO

SAIBA MAIS EM

@camararario

# VOTOU? AGORA É HORA DE COBRAR

Da segurança à coleta de lixo, cada problema tem um responsável. Veja qual é o papel de cada político e como exigir seus direitos

THIAGO HERMINIO

Acabou as eleições e agora começa a hora de cobrar. Muita gente na favela vota, espera e, quando o problema continua, não sabe a quem reclamar. O vereador diz que o problema é do prefeito, o prefeito aponta para o governador, e o governador fala da verba da União. Ela fica sem resposta. Saber quem faz o quê ajuda a cobrar a pessoa certa e evitar desculpas.

## Presidente e governador

O presidente comanda o governo federal. Ele coordena ministérios, propõe políticas públicas nacionais, executa o orçamento da União e define programas e investimentos em áreas como saúde, educação, habitação, saneamento e assistência social. Também sanciona ou veta leis aprovadas pelo Congresso Nacional e conduz a política externa do país.

Já o governador administra o estado. Ele responde pela Polícia Militar, Civil, hospitais e escolas estaduais, além de outros serviços estaduais, como rodovias, defesa civil e, em muitos estados, empresas de saneamento e abastecimento de água. Quando há problemas relacionados à segurança pública ou à rede estadual de ensino e saúde, ele deve ser cobrado.

É importante lembrar que muitas áreas, como saúde, educação e saneamento, são responsabilidades compartilhadas entre União, estados e municípios.

## Deputados estaduais

Fazem leis para o estado e fiscalizam o trabalho do governador. Também analisam e aprovam o orçamento estadual, acompanham os gastos públicos e podem investigar problemas por meio de comissões parlamentares.

Quando um governador deixa de cumprir promessas ou aplica mal os recursos públicos, cabe aos deputados estaduais cobrar explicações e fiscalizar sua atuação.

RENATO SILVA / VOZ DAS COMUNIDADES




*Votar é o primeiro passo, e cobrar quem foi eleito é o segundo.*

## Deputados federais e senadores

Em Brasília, eles discutem e votam leis que valem para todo o país. Eles também fiscalizam o governo federal e participam da aprovação do orçamento da União.

Os deputados federais podem indicar recursos para obras e projetos por meio das chamadas emendas parlamentares. Já os senadores, além de criarem e votarem leis, representam os estados no Congresso Nacional e participam da análise de indicações para cargos importantes, como ministros do STF.

## Prefeito e vereador

Prefeito e vereadores foram eleitos em 2024 e permanecem no cargo até 2028. Por isso, podem ser cobrados agora.

A prefeitura é responsável por serviços que afetam diretamente o dia a dia da população, como coleta de lixo, conservação de ruas, iluminação pública, transporte público municipal, creches, postos de saúde, drenagem urbana e prevenção de enchentes.

Os vereadores não executam obras nem administram serviços públicos. A principal função deles é criar leis municipais, fiscalizar o prefeito, analisar o orçamento da cidade e cobrar soluções para os problemas apontados pela população.

Quando um morador reclama de um buraco na rua, da falta de médicos ou da ausência de creches, o prefeito deve resolver o problema. Já o vereador deve fiscalizar e pressionar a prefeitura para que isso aconteça.

## Como cobrar

Guarde promessas de campanha, santinhos, vídeos e publicações nas redes sociais. Esses materiais ajudam a lembrar os compromissos assumidos pelos candidatos.

Organize-se com os vizinhos. Um abaixo-assinado acompanhado de fotos, documentos e relatos costuma ter mais força do que uma reclamação isolada.

Procure a associação de moradores, os canais oficiais da prefeitura, do governo estadual e os gabinetes dos parlamentares. Quando não houver resposta, órgãos como a Defensoria Pública e o Ministério Público podem auxiliar gratuitamente a população na busca por seus direitos.

A participação da população não termina na urna. Ela continua na fiscalização, na cobrança e na defesa dos direitos das favelas.

# Senado aprova PEC da Segurança Pública




Proposta amplia integração entre forças policiais, garante recursos para estados e endurece regras contra grupos armados

KAREN MELO

O Senado Federal aprovou, no dia 3 de novembro, em dois turnos, a PEC da Segurança Pública. No primeiro turno, foram 73 votos favoráveis e, no segundo, 75. Com isso, a emenda será promulgada e passará a integrar a Constituição. Antes da votação, os senadores rejeitaram por 38 votos a 36 uma proposta para incluir a redução da maioridade penal no texto. Com a decisão, o tema deverá ser discutido separadamente.

A PEC 18/2025, apresentada pelo governo federal, propõe mudanças na organização da segurança pública brasileira. Entre os principais pontos estão a ampliação da participação da União no combate ao crime organizado, a integração das forças policiais e novas regras para o funcionamento dos órgãos de segurança.

## O que muda?

Um dos principais pontos é a inclusão do Sistema Único de Segurança Pública (Susp) na Constituição. O sistema, criado em 2018, busca integrar instituições responsáveis pela segurança por meio do compartilhamento de informações, planejamento de ações e cooperação entre governos.

O texto também prevê a possibilidade de criação de polícias municipais para atuação no policiamento ostensivo e comunitário, desde que haja capacidade financeira para manter. Além disso, amplia as atribuições da Polícia Rodoviária Federal (PRF), que poderá atuar em ferrovias e hidrovias federais.

Outro ponto estabelece regras mais rígidas para integrantes de facções criminosas, milícias e organizações paramilitares, incluindo prisão em unidades de segurança máxima, restrições à progressão de regime e confisco de bens ligados às atividades criminosas.

A proposta ainda prevê mudanças no financiamento da segurança pública, com destinação de recursos para fundos nacionais do setor.

## Maioridade penal

O principal debate em Plenário foi sobre a redução da maioridade penal, tema que não fazia parte da PEC original. O relator, senador Rogério Carvalho (PT-SE), defendeu que o assunto fosse tratado em uma proposta separada.

Uma das emendas, apresentada pelo senador Rogério Marinho (PL-RN), previa reduzir a idade de responsabilização penal para 16 anos e para 14 anos em casos de crimes hediondos, tráfico de drogas, tortura, terrorismo e participação em organizações criminosas. Outra proposta, do senador Camilo Santana (PT-CE), previa a redução para 16 anos apenas em crimes hediondos. Ambas ficaram fora do texto aprovado.

## Segurança para a favela

Para moradores de favelas e periferias, a discussão também envolve como essas mudanças serão aplicadas nos territórios. Especialistas apontam que a integração entre as forças de segurança e o fortalecimento das políticas públicas do setor não significam, por si só, mudanças imediatas na rotina. A forma como as operações serão planejadas, a atuação das instituições, os mecanismos de controle e fiscalização e principalmente investimentos em educação, saúde, urbanização, assistência social e oportunidades de trabalho também fazem parte do debate sobre segurança pública.

# FAB CRIA Rocinha transforma materiais recicláveis em produtos e cria oportunidades de trabalho na Rocinha

## Projeto ensina, produz e ajuda quem mora na favela a gerar renda

**THIAGO HERMINIO**

REPRODUÇÃO



*Tampinhas de garrafa e plásticos de aparelhos velhos ganham nova vida e viram matéria-prima para novos produtos*




REPRODUÇÃO

*Produtos feitos na FAB CRIA ROCINHA, como porta-guardanapos e peças de moda, mostram o talento de quem vive na Rocinha*

Na Rocinha, o que muita gente joga fora está virando produto novo, e também oportunidade de ganhar dinheiro. O FAB CRIA ROCINHA pega materiais como plástico, papel e tecido e transforma tudo em skates, cadernos, roupas e outras peças. O projeto é do Instituto TMJ Rocinha, em parceria com a PUC-Rio.

O espaço fica dentro da própria favela e tem máquinas de verdade, entre elas máquinas industriais e impressoras 3D. É lá que os moradores aprendem, testam ideias e produzem. Quem coordena o projeto é Leona Pimenta. Ela conta que tudo começou com uma percepção simples: a Rocinha tem muita gente talentosa, mas falta estrutura para essas pessoas colocarem suas ideias em prática.

"A Rocinha tem uma potência criativa enorme. Tem gente com conhecimento e habilidade, mas que muitas vezes não encontra equipamento nem oportunidade para transformar a ideia em produto, em negócio e em renda", explica Leona.

Por isso, a FAB CRIA não quer ser só um lugar de cursos. A ideia é que a pessoa aprenda, crie e produza de verdade. O trabalho é dividido em grupos, chamados de núcleos. Tem o núcleo de fabricação digital, o de moda, o de sustentabilidade e o de empreendedorismo.

No núcleo de fabricação digital, o material reaproveitado vira matéria-prima. Tampinhas de garrafa PET e plásticos de peças de computador, geladeira e ar-condicionado são triturados e transformados. Dessa mistura já saíram porta-guardanapos e o material usado nas impressoras 3D. A equipe também pensa em fazer peças de decoração, móveis, skates e objetos do dia a dia.

REPRODUÇÃO



*Espaço da FAB CRIA ROCINHA, que fica dentro da comunidade e tem máquinas industriais e impressoras 3D para os moradores criarem e produzirem*

Na moda, o trabalho é com costura e serigrafia, que é a estampa feita em tecido. Esse setor valoriza o jeito artesanal de fazer e a força das mulheres da comunidade.

Podem participar moradores, artesãos, empreendedores e jovens que queiram aprender uma habilidade ou abrir o próprio negócio. A entrada acontece pelas oficinas, cursos e eventos de portas abertas. Cada atividade tem seu público e suas regras de participação. Os cursos ensinam impressão 3D, costura, serigrafia, criação de produtos e como empreender.

Para Leona, o mais importante é que as pessoas não fiquem só assistindo aula. "Queremos que elas peguem as ferramentas, desenvolvam as próprias ideias e encontrem caminhos para transformar o que sabem em trabalho e renda", afirma.

### Capacitação produtiva

A geração de renda acontece de dois jeitos. Primeiro, a FAB CRIA oferece o espaço, as máquinas e o conhecimento para o morador fazer e fortalecer o seu próprio produto. Segundo, ela cria produtos a partir dos materiais reaproveitados e ajuda a ligar quem cria com quem compra. O projeto está organizando as vendas, com planos de uma loja na internet e de pontos de venda, para que mais gente conheça e compre o que é feito na Rocinha.

O impacto também chega ao meio ambiente. Ao dar novo uso ao que seria "lixo", o projeto ajuda a espalhar o cuidado com a natureza. Para a favela, o ganho é a valorização do que o morador já sabe fazer, mais estudo e mais chance de trabalho.

"Um dos maiores impactos é mostrar que a Rocinha não é só um lugar que precisa receber oportunidades. É um território que também produz conhecimento, criatividade e tecnologia", diz a coordenadora.

### Próximos passos

Para o futuro, a meta é aumentar os núcleos de produção, dar mais cursos, apoiar novos empreendedores e fazer parcerias com empresas e universidades. O morador pode ajudar acompanhando as atividades, indo às oficinas e eventos e levando suas ideias. Quem mora fora da comunidade também pode apoiar, comprando os produtos, divulgando o trabalho dos criadores e fechando parcerias.

Leona resume bem o espírito do projeto: a FAB CRIA é um espaço feito para ligar pessoas, conhecimentos e oportunidades. Quanto mais gente participar, maior será o resultado para a Rocinha.

REPRODUÇÃO




*Leona Pimenta, coordenadora, ao lado de Davison Coutinho, conta que o projeto nasceu para dar estrutura e oportunidade a quem tem talento na comunidade*

FOTOS: LUCIOLA VILLELA/CMRJ



# Mais incentivos para fazer a economia das comunidades girar

*O presidente da Câmara, Carlo Caiado, destacou a força da economia das favelas, em painel com Carla Panisset, Cleo Santanta e José Luciano dos Santos*

## *No Fórum Extra Favelas, vereadores defendem medidas contundentes do poder público em apoio aos empreendedores locais*

Quem vive da venda de quentinhas, tem salão de beleza, bar, restaurante ou trabalha por conta própria sabe como é importante ter oportunidade para crescer. Esse foi um dos assuntos da terceira edição do Fórum Extra Favelas, realizado pelo jornal Extra, com apoio da Câmara do Rio, no dia 3 de novembro.

Na primeira roda de conversa, o presidente da Câmara, Carlo Caiado (PSD), destacou a aprovação da Lei da Liberdade Econômica, aprovada em 2021. Desde então, a medida reduziu a burocracia para pequenos empreendedores.

"Na prática, é menos papelada para quem quer trabalhar e abrir seu próprio negócio. Nós nos orgulhamos de criar essa facilidade, que impacta positivamente a vida das pessoas", afirmou Caiado.




*Tainá de Paula (C) participou de painel com Preto Zezé, Clarisse Linke e Raull Santiago, mediado por Roberta de Souza*

O parlamentar também lembrou que o atual Plano Diretor da cidade (a lei que orienta o crescimento do Rio e quais devem ser as prioridades nos próximos anos) agora dedica um capítulo inteiro às favelas, com propostas para avançar em saneamento, pavimentação e iluminação das comunidades; acelerar a entrega de documentos que garantam aos moradores o direito sobre suas casas; e incentivar a economia local.

"Favela é lugar de gente trabalhadora, de talento, criatividade e força que movimenta a cidade. Mas, para crescer, precisa de investimento e oportunidade", ressaltou.

O debate também contou com Cleo Santana, do Data Favela; José Luciano dos Santos, da Revelog Ambiental; e Carla Panisset, do Sebrae Rio. Os participantes defenderam políticas públicas que respeitem a realidade de cada comunidade e ajudem os empreendedores a conseguir crédito, apoio e novos clientes.

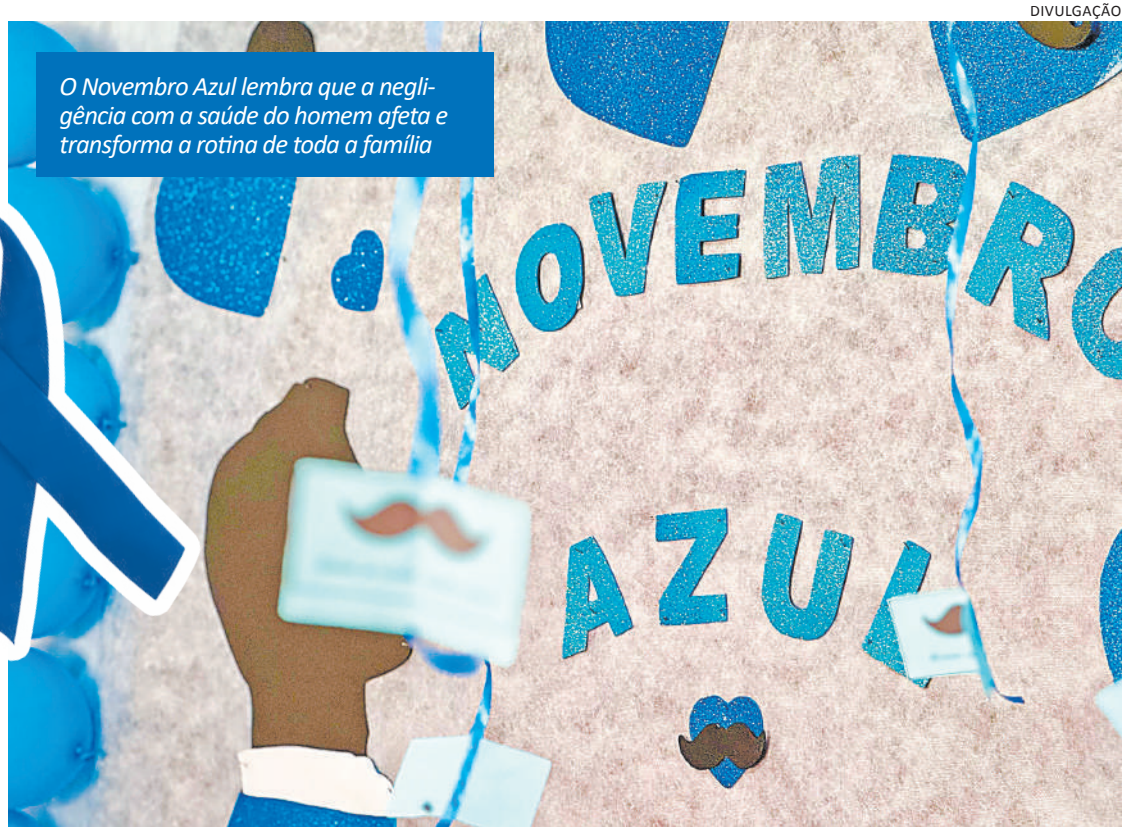
Cleo citou pesquisa do Data Favela segundo a qual 58% dos entrevistados envolvidos com atividades criminosas deixariam esse caminho se tivessem chances reais de emprego. Para ela, muita gente pode mudar de vida.

Na segunda mesa, a vereadora Tainá de Paula (PT), Preto Zezé, da Cufa, Clarisse Cunha Linke, do ITDP Brasil, e Raull Santiago, do Instituto Papo Reto, discutiram melhorias no transporte, na qualidade das ruas e nos serviços públicos, e como garantir que os moradores cheguem mais facilmente ao trabalho, à escola, aos hospitais e a outros destinos.

Tainá defendeu mais investimentos e participação dos moradores nas decisões da cidade: "Precisamos pensar em novas formas de investimento nas favelas. O poder público e a iniciativa privada têm papéis fundamentais, mas precisamos dar ainda mais protagonismo a quem vive nelas. Precisamos garantir recursos para as organizações locais e criar condições para que os moradores construam centros de referência e iniciativas capazes de transformar os territórios".

O encontro terminou com apresentação de alunos da Favela Brass, projeto que oferece aulas gratuitas de música para crianças e jovens desde 2014.

DIVULGAÇÃO




*O Novembro Azul lembra que a negligência com a saúde do homem afeta e transforma a rotina de toda a família*

# O MACHISMO AINDA É O MAIOR VILÃO DA SAÚDE MASCULINA

Com mais de 9 mil novos casos anuais no estado, campanha destaca a importância da avaliação individualizada, atenção aos sintomas e acesso aos serviços de saúde oferecidos pelo SUS durante todo o ano

**KAREN MELO**

O mês de novembro marca o movimento global de conscientização sobre a saúde do homem. No município do Rio de Janeiro, o "Novembro Azul" ganha uma abordagem pautada nas diretrizes do Ministério da Saúde: a promoção do cuidado integral, o combate aos preconceitos culturais e o esclarecimento sobre exames em massa sem indicação clínica.

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, prevenir o câncer de próstata não significa fazer exames de forma automática. Para homens sem sintomas, o Ministério da Saúde orienta que a avaliação seja individualizada, com orientação médica. Por isso, manter o acompanhamento da saúde e superar preconceitos em relação ao tema continuam sendo atitudes essenciais.

## O peso do machismo e a dor da teimosia

Na prática diária das periferias e favelas cariocas, a maior barreira para a saúde masculina ainda é o preconceito. A resistência em procurar médicos, realizar exames e relatar desconfortos físicos frequentemente adia o momento de buscar ajuda.

Uma moradora do Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio, vivencia essa realidade dentro de casa. Sob condição de anonimato, ela relata a batalha para convencer o marido a se cuidar antes que o quadro se agravasse.

*"Eu sempre pedi a ele para cuidar da saúde, mas ele nunca achou que aconteceria com ele, sempre foi muito teimoso. Quando chegou na idade para realizar o exame, não quis fazer porque não sentia nenhum sintoma. Quando ele passou mal por uma outra situação, precisou ficar internado e mesmo assim relutou para fazer todos os exames. Já era tarde! O tumor da próstata já tinha ido para outros órgãos e, mesmo assim, até para fazer a biópsia foi um show de horrores, carregado de muito machismo, de uma ignorância sem tamanho."*

DIVULGAÇÃO




*Márcio Luiz Ferreira, gerente da Saúde da Pessoa Idosa e do Homem na Atenção Primária à Saúde do município*



DIVULGAÇÃO

*O PSA é parte da investigação clínica, mas não substitui a necessidade de superar o tabu e buscar atendimento nos primeiros sinais do corpo*

Apesar do diagnóstico em estágio avançado, o suporte oferecido pela rede pública tem sido fundamental para o tratamento da família. *"Por conta da teimosia, agora são gastos enormes com medicações, alimentação, cuidado... A sorte é que o hospital público está dando todo o suporte necessário, e os médicos têm a maior paciência para explicar tudo"*, desabafa a moradora.

## Detecção precoce e atendimento individualizado

A história do morador do Alemão ilustra a diferença fundamental entre o rastreamento em massa e a **detecção precoce**. A investigação deve ocorrer assim que surgirem os primeiros sinais ou desconfortos, sem que o machismo ou o medo impeçam a busca por avaliação médica.

De acordo com Márcio Luiz Ferreira, gerente da Saúde da Pessoa Idosa e do Homem na Atenção Primária à Saúde do município do Rio de Janeiro, a abordagem da rede municipal prioriza a escuta e a avaliação personalizada.

*"A expressão adequada para usarmos aqui é detecção precoce. O Ministério da Saúde orienta que o cuidado com a saúde do homem seja integral e individualizado. Quando um paciente apresenta sintomas, como dificuldade para urinar, por exemplo, o médico deve avaliar o quadro e explicar que não há recomendação para a realização indiscriminada de exames de toque retal e dosagem de PSA (exame de sangue que auxilia na avaliação da saúde da próstata) em todos os homens. A investigação deve considerar os sintomas, o histórico e as necessidades de cada paciente. É importante esclarecer que o aumento da próstata pode estar relacionado a diferentes fatores, por isso, a avaliação médica é fundamental para evitar suspeitas equivocadas e garantir que a investigação seja conduzida adequadamente, com os encaminhamentos necessários para a realização de exames complementares e confirmatórios"*, destaca Márcio Luiz Ferreira.

## Porta de entrada no SUS funciona o ano todo

Nas **Clínicas da Família** e nos **Centros Municipais de Saúde (CMS)** da capital carioca, o atendimento à população masculina funciona de segunda a sábado. Nesses locais, além do acompanhamento urológico quando indicado, as equipes oferecem cuidado contínuo para hipertensão, diabetes, saúde mental, vacinação e prevenção de ISTs.

O relato da moradora do Alemão também serve como um alerta para que a conscientização da campanha voltada à saúde masculina se transforme em atitude prática dentro das casas: a busca pelo cuidado à saúde não deve ser vista como fraqueza, mas como preservação da própria vida.




Para quem precisa de atendimento de saúde, a coragem vira cuidado. Para o aluno dos novos GETs, a coragem vira oportunidade. Para o trabalhador que usa o BRT, a coragem vira respeito. Para o cidadão que vê a Força Municipal na rua, a coragem vira tranquilidade. **O Rio é pra quem tem coragem de enfrentar problemas com gestão profissional, transparência e compromisso com a nossa gente. O trabalho muda vidas, a coragem transforma a cidade.**

*coragemtransforma.prefeitura.rio*

PREFEITURA RIO
A SERVIÇO DE TODO CARIOCA